

Afirmativa

Edição Especial Afroétnica FlinkSampa • Troféu Raça Negra 2018 • Edição 58

plural



**Mano Brown
a lenda!**



Antes de falarmos sobre saúde, queremos falar sobre você.

A EMS cuida da saúde dos brasileiros há mais de 50 anos. Com grandes investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento, vem trazendo inovação, qualidade e acessibilidade em medicamentos para toda a população. Abra as portas da sua casa para a maior indústria farmacêutica no Brasil.

  @emsfarmaceutica
www.ems.com.br





Índice

Virada da Consciência

Virada da Consciência 6

FlinkSampa

Predestinada a conceber..... 16

6 anos de FlinkSampa: a contínua e incansável busca pelo reconhecimento dos autores negros..... 20

Soltando o verbo contra o racismo..... 36

Brasileira ganha Prêmio Agostinho Neto..... 43

A luta pela igualdade em 1 minuto..... 44

Compromisso com o ensino da cultura afro-brasileira..... 46

Iniciativa empresarial

Em jornada pela inclusão de negros no mercado de trabalho..... 52

Troféu Raça Negra

Emoção e consciência em noite de kizomba..... 60

Mano Brown - o homem, a lenda, o mito..... 104

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmars Ltda., CNPJ nº 08.643.988/0001-52. Com periodicidade anual. Ano 15, Número 58 - Av. Santos Dumont, 843 - Bairro Ponte Pequena - São Paulo/SP - Brasil - CEP 01101-080 - Tel. (55 - 11) 3325-1000. www.afrobras.org.br

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente • Francisca Rodrigues • Humberto Adami • Sônia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (Mtb.14.845 – francisca.rodrigues@afrobras.org.br).

FOTOGRAFIAS: Patricia Ribeiro.

EDIÇÃO: Francisca Rodrigues e Rejane Romano.

COLABORADORES: Rejane Romano, Fernanda Gesteira, Leila Reis e Daniela Gomes.

ASSINATURA E PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação - Francisca Rodrigues - (francisca.rodrigues@afrobras.org.br) • Tel.(11) 9.9955-8788.

CAPA: Patricia Ribeiro.

EDITORAÇÃO: Ponto a Ponto Comunicação • Tel. (11) 4325-0605.

São Paulo, capital da Consciência Negra!

Em novembro de 2018 São Paulo se transformou na capital da Consciência Negra, resultado do trabalho da Afrobras e da Faculdade Zumbi dos Palmares que, juntas, promoveram uma onda virtuosa, fazendo com que muitas empresas e instituições colocassem o Dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, em seus calendários de ativi-

to. Nesta edição a festa contou com a participação de escritores nacionais e internacionais, com representantes de países como Angola, Cuba, Cabo Verde, Estados Unidos, entre outros.

E não podemos esquecer da 16ª edição do Troféu Raça Negra, esperado por todos e que este ano homenageou nada menos que o rapper

dades, com recorte racial. Foi a chamada Virada da Consciência, onde cerca de 60 empresas realizaram mais de 150 atividades no período de 17 à 20 de novembro em toda a cidade de São Paulo, e em alguns municípios do interior.

Esportes, dança, arte, literatura, música, moda, cinema, beleza, tecnologia, gastronomia, exposições, entre outras atividades foram desenvolvidas pelos diversos parceiros que se engajaram na Virada da Consciência.

Dentro da literatura, destacamos a realização da 6ª edição da FlinkSampa, Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra, que homenageou a escritora Conceição Evaris-

Mano Brown. Uma emoção do início ao fim do evento. Uma escolha acertada, pois ele representa todo o momento em que vivemos no Brasil.

O Troféu Raça Negra ainda homenageou Marielle Franco e a advogada Valéria dos Santos, que foi algemada em pleno exercício do seu trabalho. Com a história de Mano Brown e as letras de suas músicas, o Troféu conseguiu trazer uma forma de protesto contra várias injustiças vividas em 2018 contra nosso povo.

Foi um mês lindo.

Valeu Zumbi!

*Francisca Rodrigues
Editora Executiva*

ditorial

Virada da Consciência

A Virada da Consciência estreou com o pé direito. Em sua primeira edição o evento, que muitos consideram uma grande festa, reuniu as diferentes vertentes da cultura negra, tais como atividades artísticas, literárias, musicais, gastronômicas e também competições esportivas, em dezenas de pontos da cidade de São Paulo, destacando-se o campus da Faculdade Zumbi dos Palmares, a Iniciativa Empresarial pela Igualdade, Memorial da América Latina, Itaú Cultural, MASP, Sala São Paulo, Sescs, CCBB, Caixa Cultural, Casa das Rosas e os CEUs (Centros Educacionais Unificados), entre outros participantes.

Entre 17 e 21 de novembro, São Paulo se tornou a Capital da Consciência Negra com atividades gratuitas





de diversas naturezas: desfile de moda, oficinas de beleza, shows de música e dança, teatro e mostras de cinema e artes visuais.

Quase 100 parceiros aderiram à Virada apoiando os eventos, entre eles, a Prefeitura de São Paulo com as secretarias de Direitos Humanos, Educação, Esportes, Cultura; Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, Ministério da Cultura, Ministério da Ciência e Tecnologia, Sesc, SESI, todos os museus da cidade de São Paulo, USP, UNICAMP, UNIP, UNESP, UNIFESP, Itaú Unibanco, Itaú Social, Bradesco, Santander, Coca-Cola Brasil, Natura.

Parcerias que tinham o objetivo de ampliar o impacto da Virada da Consciência, cuja característica principal é oferecer oportunidade de participação da população nas atividades e não apenas figurar como espectador.

“A ideia da Virada surgiu da necessidade e do desejo de permitir que mais pessoas pudessem ter contato e acesso à cultura negra, a história e às dificuldades do negro. A consciência precisa ser ampliada para mais pessoas e para mais ambientes. E isso precisaria acontecer de forma bacana, onde todos pudessem interagir, usufruir e participar dessa proposta”, avaliou o reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, José Vicente.

Uma meta que foi alcançada desde a abertura da Virada. Acompanhe os principais destaques da 1ª Virada da Consciência:

SAMBA NA ESQUINA DA IPIRANGA COM A SÃO JOÃO

No dia 17 de novembro, as baianas, a bateria e um casal de Mestre Sala e Porta Bandeira da Escola de Samba Vai-Vai realizaram o ritual de abertura da Virada lavando a rua na esquina mais famosa de São Paulo.

“Essa é uma cerimônia para abrir os caminhos desses eventos que se iniciam hoje e de todos os negros que veem sofrendo bastante. Para que assim possamos acabar com o preconceito que está demais. Nosso povo precisa de carinho”, analisou a baiana Dona Joana, que está há 30 anos na Vai-Vai. As baianas também distribuíram fitas da sorte aos presentes.

O dia de samba contou ainda com uma feijoada no Bar Brahma, onde a cada chopp consumido, R\$1,00 foi doado para a Faculdade Zumbi dos Palmares. O evento contou com a participação de personalidades como o Secretário Municipal de Esportes e Lazer de São Paulo, João Farias, que destacou a similaridade entre esporte e cultura. *“Há uma total sinergia entre as atividades esportivas e culturais, por isso a*

Reitor da Zumbi dos Palmares e presidenta da FlinkSampa participam de ritual para atrair boas vibrações para Virada da Consciência.







Virada da consciência

João Farias e José Vicente

relevância da Virada da Consciência que irá contemplar atividades em ambas áreas. Uma iniciativa muito importante para nossa cidade em reconhecimento e valorização da comunidade negra”, disse o secretário.

Já o músico Ivo Meirelles refletiu sobre o respeito à igualdade. “O brasileiro deveria ter todos os dias essa mesma conscientização da importância do negro na formação da cultura brasileira e do respeito que devemos ter para com o outro e para com o negro. Na minha modesta opinião todo dia é 20 de novembro”, avalia Ivo.

Prato típico que representa a cultura negra no Brasil a feijoada se repetiu no dia 20 de novembro, no Campus da Faculdade Zumbi dos Palmares, na Feijuca do Bem, que contou com apresentação musical e cardápio preparado pelo Chef Cláudio Aliperti, que também é responsável pela famosa feijoada do Bar Brahma.



Ivo Meirelles prestigia abertura da Virada na esquina mais famosa de São Paulo.



Feijuca do Bem para o deleite no Dia da Consciência Negra.



PEDALADAS

Nos dias da Virada, as bikes do Itaú e do Bradesco Seguros com o Ciclosampa e Agência Trunfo estiveram liberadas para os participantes se deslocarem de uma atividade para outra. O idealizador da Virada fez questão de participar de várias ações. Inclusive da distribuição de 5.000 livros do projeto ‘Você já leu para uma criança hoje?’, do Itaú Social.

“Estar aqui, na Avenida Paulista, distribuindo livros para que as pessoas sejam inspiradas a acessar o conhecimento e ver que fomos recebidos com alegria e contentamento nos deixa emocionados”, contou o reitor.

ESPORTE

A Corrida da Consciência Negra, também conhecida como Corrida da Igualdade, que aconteceu na manhã do Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, foi um dos destaques esportivos da programação.

Realizada na região do Campo de Marte, na Zona Norte de São Paulo, contou com Mais de 1 mil pessoas que participaram de uma corrida e caminhada de rua de 7 quilômetros, cujo mote foi a sensibilização ao combate a intolerância racial. Garra, determinação e muita vontade para superar o percurso da Corrida da Consciência são um paralelo com a trajetória no negro no Brasil, que precisa disputar uma corrida todos os dias para vencer a distância que o separa de realizar seus sonhos e alcançar a dignidade.

O prefeito de São Paulo, Bruno Covas, foi o responsável pela largada da atividade, que teve apoio do Bradesco, Santander Brasil, Prefeitura de São Paulo, Coca-Cola Brasil, Federação Paulista de Atletismo, Faculdade Zumbi dos Palmares e Afrobras.



Reitor da Zumbi experimenta “laranjinhas” do Itaú.



Itaú Social doa 5.000 livros para distribuição.



“A prefeitura de São Paulo se orgulha de ser uma das parceiras dessa ação da Faculdade Zumbi dos Palmares, porque queremos mostrar para o Brasil que a cidade de São Paulo não aceita qualquer tipo de preconceito. Cada vez mais queremos ser a capital da diversidade”, revelou o prefeito.

“Viva nós, viva a raça negra, viva Zumbi”, comemorou Ana Luiza Garcez a ganhadora na categoria feminina que tem 56 anos de idade. Vanderlei dos Santos, ganhador entre os homens, ressaltou a importância social, dizendo que a corrida serve para “quebrar tabus”.

Outro destaque foi o Jogo pela Consciência, realizado no Estádio do Pacaembu, que contou com o Time

Master do Corinthians versus Personalidades. Uma confraternização entre amantes do futebol amador, artista e até mesmo os jogadores de final de semana.

O reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares foi um dos jogadores que disputaram a partida onde todos saíram ganhadores, pois o foco do jogo era divulgar a necessária consciência de todos e todas sobre o quanto a igualdade é necessária.

O clima da partida foi de união e descontração. *“Eu não joguei muito porque senão o Tite (técnico atual da seleção brasileira) ia querer me contratar!”*, brincou o reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares.

O Estádio abrigou ainda atividades como provas de distância para crianças de todas as idades, a Copa dos Refugiados, idealizada pela ONG África do Coração, a final do Campeonato Universitário de Futsal e atividades voltadas para pessoas portadoras da Síndrome de Down.

No Centro Esportivo Tietê, o Desafio Zumbi 3X3 (basquete de rua), o Desafio 5X5 e o Torneio de Capoeira da Cidade de São Paulo ganharam distinção. E, ainda, as clínicas de basquete e o torneio 3X3 oferecidos aos alunos da rede pública de ensino municipal e estadual. Um festival de capoeira e o campeonato de basquete universitário completaram a programação.

ARTE

Apresentações musicais, de dança, teatro, moda, beleza, cinema, além de mostras de artes visuais, palestras, debates e rodas de conversa sobre a igualdade e a tolerância compuseram o cardápio do evento que mexeu com o feriadão na Capital.

No Memorial da América Latina a artista Marich Devise da Associação Clichés Urbains instalou um painel de 3x2 metros representando a sede do partido comunista desenhado por



Oscar Niemeyer. Davise disponibilizou acessórios/fantasia dedicados às culturas afro-brasileiras.

A rede Sesc (Serviço Social do Co-

mércio) preparou uma programação especial para a Virada da Consciência, com diversas atrações para todas as idades, em 10 Sescs da cidade de São Paulo e do interior. No show de Mariana Câmara e Grupo, realizado no Sesc Bom Retiro, o público pôde conferir uma apresentação sobre antigos provérbios da cultura africana tradicional evocados por meio de cantos, ritmos e danças, permitindo a releitura de significados ancestrais que são transmitidos de geração em geração.

Já a Caixa Cultural São Paulo abrigou atrações musicais, teatro e muita arte. Um exemplo foi a visita temática mediada pelos educadores ao Museu do Futebol, proporcionando o diá-



Atividades no Centro Esportivo Tietê, campus da Zumbi dos Palmares, contemplaram estudantes do ensino municipal e estadual.



logo e a reflexão sobre personagens negros, incluindo o Jogo de tabuleiro contando a história de alguns jogadores negros que fizeram parte da memória do futebol brasileiro e vivenciaram – e vivenciam – as transformações sociais refletidas dentro do esporte.

LITERATURA

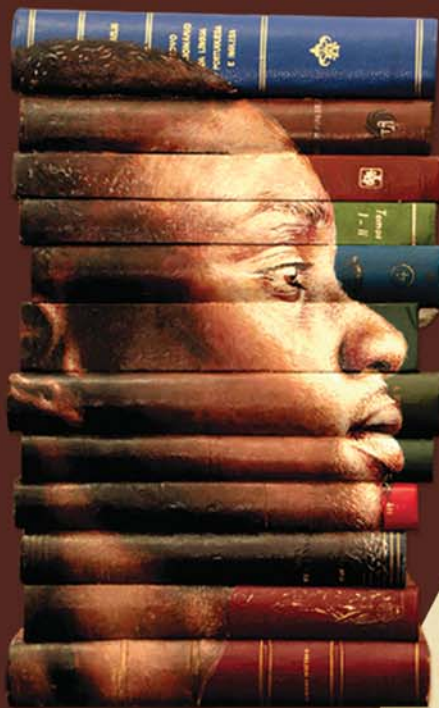
Escritores brasileiros e estrangeiros negros e brancos dialogaram sobre a temática afro-brasileira, tendo como ponto central a 6ª FlinkSampa - Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra, que homenageia a escritora Conceição Evaristo, no Campus da Faculdade Zumbi dos Palmares.

“Estar aqui é uma oportunidade para conhecer outros autores, para falar sobre a experiência negra e como escritora, para promover o trabalho que eu faço, porque a literatura é uma forma de ativismo também. Além de mostrar que nós, na América Latina, estamos conectados através das lutas dos afrodescendentes”, analisou a escritora Shirley Campbell. ■



AFROÉTNICA

FLINKSAMP



Graças a ampla e diversificada programação cultural a Afroétnica FlinkSampa se consolidou como um evento de sucesso atraindo grande público com suas diversas atrações:

- Vendas de livros
- Debates
- Palestras
- Lançamentos
- Programação infantil
- Festival Afrominuto
- Esportes
- Moda
- Beleza
- Shows
- Artes
- Teatro
- Dança
- Mostras e muito mais!

REALIZAÇÃO:



PATROCINADORES:



FEBRABAN



APOIO:



FESTA DO CONHECIMENTO LITERATURA E CULTURA NEGRA



Conceição Evaristo
Patrona 2018

19 A 21 DE NOVEMBRO
ENTRADA FRANCA

📍 FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES – SP
AVENIDA SANTOS DUMONT, 843 ♦ ARMÊNIA ♦ SÃO PAULO – SP
WWW.FLINKSAMPA.COM.BR

Agradecemos ao público, aos autores, aos patrocinadores
e a todos que contribuíram para o sucesso do evento!

ATÉ NOVEMBRO DE 2019

BIBLIOTECA
MÁRIO DE AN
DRAE

CBL
Câmara
Brasileira
do Livro



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

SP **Leituras**
Organização Social de Cultura


**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**

APRESENTAÇÃO:

 **BNDES**


cateno
INOVAÇÃO É A NOSSA MARCA


**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA


**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
ESPORTES E LAZER

SESI
SÃO PAULO



UNIP
UNIVERSIDADE PAULISTA


**GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO**
Secretaria de Cultura

MINISTÉRIO DA
CULTURA 

predestinada a conceber

O tom de voz é baixo, os gestos suaves e a mansidão é característica nos nativos de Minas Gerais. Assim é Conceição Evaristo que esbanja a brandura da mineirice aliada à incisividade de quem tem uma missão a cumprir.

“Eu não imaginava que a minha escrita pudesse conquistar tanto reconhecimento. Mas, desde a adolescência fui tomada por uma inquietação de que a vida não poderia ser só aquilo, aquele estado de pobreza, aquela carência”, revela a escritora.

Mulher, negra, de origem pobre. Ela conseguiu driblar o destino prescrito pelo status quo de nossa sociedade através da educação. *“Eu sabia que sairia do lugar comum. Disso eu tinha certeza. Numa família de nove filhos, eu como a segunda filha, muito curiosa e interessada, despertei que todos em minha família depositassem muita fé em mim, a ponto de minha mãe deixar de fazer outras coisas para que por vezes me desse o pouco dinheiro que conseguia com a venda de reciclagem para eu pagar a condução para ir à escola”.*

A confiança, o desejo e a necessidade de que alguém rompesse com aquele destino, não apenas ao destino da menina Maria da Conceição, mas sim ao destino de toda mulher negra no Brasil. Uma responsabilidade enorme que não amedrontou Conceição. Uma força que pode ter vindo também do nome, pois deriva do latim “concepção”, ou seja, aquilo que tem o efeito de gerar, de conceber.

Nessa trajetória não podemos esquecer do protagonismo de uma outra mulher nessa história. Joana Josefina Evaristo, a mãe de Conceição, que acabou de completar 96 anos é uma mulher de sabedoria singular. Semialfabetizada, mas ainda assim uma mulher que tinha muito apreço pela leitura. Talvez não soubesse o que poderia vir a despertar em seus filhos, mas Joana sentava-se com as crias e juntos analisavam as imagens estampadas em revistas. *“Eu falo que cresci com oficinas da palavra. Por exemplo, se tinha uma revista com uma imagem da*



AFROÉTNICA

FLINKSAMPA

Conceição Evaristo, a grande homenageada da FlinkSampa 2018.



Elza Soares sentada em uma cadeira, minha mãe nos provocava no sentido de adivinharmos: por que a Elza está sentada? A partir daí criávamos estórias baseadas nas imagens”, relembra a escritora.

Causos e a contação de história que é característica da cultura africana também faziam parte desses exercícios de falação. Não por acaso, a mãe tem papel de destaque nas obras da autora. “Cada personagem minha tem traços de minha mãe, tem traços de minhas irmãs e tem traços de minha família. Traços das mulheres com as quais eu convivi. O conto ‘Olhos d’água’ traz muito da minha relação com a minha mãe”, conta Conceição.

Ainda sob o efeito da predestinação que carrega no nome, a não





mais menina, mas sim a escritora Conceição, a partir dessas vivências da infância exhibe obras com enredos fotográficos, que proporcionam ao leitor uma visão detalhada das cenas. *“Isso comprova que mesmo nos locais considerados subalternizados há experiências de ensinamentos. A pobreza pode ser um lugar de episteme, desde que você vença. Caso contrário, torna-se o lugar da revolta e da interdição”*, acredita a autora.

Desde a estreia em 2003 com ‘Ponciá Vicêncio’ (Editora Maza), lançado nos Estados Unidos, na França e no México, Conceição já conquistou o Prêmio Jabuti na categoria Contos, em 2015, com ‘Olhos d’água’ (Editora Pallas) e nas obras mais atuais é perceptível, em cada novo livro, a crítica social e a religiosidade sob o véu da ancestralidade.

Merecidamente, sua trajetória concebeu à renomada escritora, Conceição Evaristo, a homenagem na FlinkSampa 2018. *“Fiquei muito feliz, muito mesmo. Pelo que simboliza a Faculdade Zumbi dos Palmares, uma iniciativa pioneira com o intuito de ser um lugar de saberes para a comunidade negra. Ser homenageada nesse espaço é ser reconhecida pelos meus pares. Já recebi outras homenagens, mas essa significa muito para mim. Homenagens como essa são importantes porque tomamos os nossos como referência”*, avalia Conceição.

Outro ponto marcante durante a FlinkSampa 2018 foi o lançamento do livro ‘Canção Para Ninar Menino Grande’, pela Editora Unipalmares. *“Preciso demais que os homens leiam este livro e me deem um feedback”*, pediu a autora. E, quem vai contrariar aquela que é predestinada a conceber? ■

“Fiquei muito feliz, muito mesmo. Pelo que simboliza a Faculdade Zumbi dos Palmares, uma iniciativa pioneira com o intuito de ser um lugar de saberes para a comunidade negra. Ser homenageada nesse espaço é ser reconhecida pelos meus pares. Já recebi outras homenagens, mas essa significa muito para mim. Homenagens como essa são importantes porque tomamos os nossos como referência”
Conceição Evaristo.





anos de
FlinkSampa:

a contínua e incansável
busca pelo reconhecimento
dos autores negros

Por Rejane Romano



Há seis anos a FlinkSampa – Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra nasce como forma de responder a invisibilidade de negros na Feira Literária de Frankfurt, na Alemanha, denunciada pelos autores brasileiros Paulo Lins e Luiz Ruffato, que questionaram o racismo da seleção de autores convidados para o evento realizado em 2013, quando entre 70 brasileiros selecionados, apenas Paulo Lins foi o único negro escolhido.

“A invisibilidade ou exclusão de escritores negros perpassa pela história do país, que demarca a população negra como uma subcategoria. Porém, já no século 19 demonstramos ser um país de negros letrados e empreendedores. Desde o primeiro romance escrito e publicado no Brasil (‘O filho do











pescador, de Teixeira e Sousa, homem negro) até o simbolismo de Cruz e Sousa (poeta negro, nascido e criado numa região branca, Santa Catarina). São apenas dois exemplos pontuais. Sempre fizemos a diferença, mas isso não basta para derrubarmos os canhões do racismo e do preconceito”, disse o escritor Uelinton Farias em ocasião da primeira FlinkSampa, quando foi curador, fato que se repetiu na edição de 2018.

Cinco edições depois, tendo exaltado grandes nomes negros da literatura brasileira – Cruz e Souza (2013), Carolina Maria de Jesus (2014), Martinho da Vila (2015), Luiz Gama (2016) e Paulo Lins (2017) –, eis que chegou a vez de Conceição Evaristo, a escritora da “escrevivência”, como ela própria define, se referindo à escrita como uma forma de sublimar a realidade.

Uma sexta edição repleta de simbolismos que demarcaram o tom do

evento desde a abertura, realizada no dia 19 de novembro, no campus da Faculdade Zumbi dos Palmares.

“Os negros são a base da construção do Brasil, por isso precisamos nos unir em torno do espírito quilombola. Se não fosse esse espírito, a própria Faculdade Zumbi dos Palmares não existiria”, disse Conceição na cerimônia de abertura.

A escritora se disse emocionada e compartilhou o carinho recebido com a escritora cubana Georgina Herrera. Conceição pediu licença para quebrar o protocolo e caminhou até o lugar na plateia onde estava Geogina a quem abraçou. “Transfiro essa homenagem a ela, porque nós sabemos da luta e da garra das mulheres cubanas”, disse a autora que lançou na FlinkSampa, pela editora Unipalmares, o livro ‘Canção Para Ninar Menino Grande’.



Conceição compartilha homenagem da FlinkSampa com a colega cubana Georgina Herrera.



Tom Farias, curador da feira; Sonia Guimarães, do Conselho da Faculdade Zumbi dos Palmares; Francisca Rodrigues, presidenta da FlinkSampa; Conceição Evaristo, Homenageada da FlinkSampa; Amarildo Conceição, representante do Prêmio Internacional de Investigação Científica Agostinho Neto.



A cerimônia foi aberta pela vice-reitora da Faculdade Zumbi dos Palmares e presidenta da FlinkSampa, Francisca Rodrigues. Ela ressaltou a importância do evento para divulgar a literatura negra. *“Chegamos à sexta edição com repercussão internacional e isso significa que mais gente está valorizando a nossa produção literária”*, disse.

Mantendo a receita de sucesso que se repete a cada ano, a FlinkSampa propiciou três dias de intensos debates e, nesta edição englobou ainda o Seminário Internacional, cujo tema foi: Educação Inclusiva no Século 21 – Uma reflexão sobre os avanços da lei 10.639 no contexto acadêmico, cultural, legal e corporativo. Além disso, mesas literárias, entrega de prêmios, debates, lançamentos de livros, desfile de moda, inclusive com os alunos da Etec Tiquatira, atividades esportivas e a









Jeremias, Mônica, Milena, e Cebolinha animam crianças na Flinkinha.

Flinkinha - programação dedicada ao público infanto juvenil - que contou com a participação de personagens da Turma da Mônica, do cartunista Maurício de Sousa. Ações que fizeram da FlinkSampa 2018 mais um sucesso no cenário nacional e internacional.

Destaques Literários da FlinkSampa 2018

Porque ainda precisamos falar de Carolina

Abordar o legado da escritora Carolina Maria de Jesus que teve sua obra traduzida em mais de 14 idiomas, com livros vendidos em mais de 40 países não é um assunto esgotável. Isso porque a história da autora representa e reflete a de tantas outras “Carolinas” espalhadas por todo o mundo.

Carolina Maria de Jesus, ao contrário do que enfatiza a literatura



Mônica de Sousa, diretora executiva da Maurício de Sousa Produções, em diálogo sobre empoderamento de meninas: “As meninas poderosas de hoje serão as mulheres maravilhosas de amanhã”.



Conceição Evaristo, Tom Farias e Súplicy falam sobre o legado da escritora Carolina Maria de Jesus.



brasileira, foi a primeira autora brasileira que introduziu a mulher negra e pobre na escrita literária. Para refletir sobre a importância de Carolina e os desdobramentos de seus feitos até os dias atuais, a sexta edição da Flink-Sampa reuniu a escritora Conceição Evaristo; Tom Farias, biógrafo de Carolina de Jesus e curador da Flink e o ex-senador Eduardo Suplicy durante o painel: “Atualidade de Carolina Maria de Jesus: novos legados”.

“De Carolina, todos conhecem o livro ‘Quarto de Despejo’. Mas ela escreveu sete romances, quatro peças teatrais, diversos poemas e composições musicais”, lembrou Conceição que contou com a ajuda de Tom Farias para contar as muitas histórias da escritora morta em 1977. “Ela vivia na favela do Canindé, em São Paulo, onde o jornalista Audálio Dantas, morto recentemente, foi fazer uma reportagem e a descobriu”,





Ubiratan Brasil, Paulo Lins, Vera Duarte Pina e Geovani Martins debatem a literatura da periferia.



Eliane Dias, Bárbara Rosa, Kenia Maria, Carmem Dora e Denise Tofik.

Para Conceição há controvérsias sobre quem descobriu quem. “Pode se dizer também que a Carolina descobriu o Audálio. Ela ficou mais conhecida do que ele e já tinha uma obra escrita, embora não publicada, quando ele a encontrou”, concluiu Conceição.

A voz da periferia

“Há muitas histórias nas favelas, além do tema da violência. Eu poderia ter escrito ‘Cidade de Deus’ sem um único tiro”, disse o autor carioca Paulo Lins ao comentar sobre a ideia distorcida, que principalmente os estrangeiros têm das favelas no Brasil. Paulo Lins foi acompanhado pelo escritor Geovani Martins, de ‘O Sol na Cabeça’ durante o painel: “Voz do autor, o que é ser escritor periférico”, que contou com a mediação do editor do Caderno 2, do Jornal Estadão, Ubiratan Brasil.

Geovani revelou durante o diálogo que quando seu livro passou a ser publicado em outros países, ele temia que fizessem uma apresentação equivocada, colocando, por exemplo, a imagem de uma favela e um copo de caipirinha na capa. “Mas isso não aconteceu. O meu livro foi recebido lá da mesma forma que foi aqui. Como algo novo na literatura brasileira”, avaliou.

Ao responder a uma pessoa da plateia sobre o fato de os escritores negros e periféricos causarem grande surpresa quando alcançam o sucesso, o autor de ‘Cidade de Deus’ disse: “Isso acontece porque o acesso do negro à educação e à cultura ainda é difícil”. Lins lembrou que quando fez o primário, era o único menino negro de sua classe e, na faculdade, só teve uma colega negra.

Geovani observou que é de uma geração mais privilegiada, em que muitos negros da favela estão se des-

tacando, chegando à faculdade e brilhando nas carreiras que escolheram. *“Está melhor agora do que foi no tempo dos meus pais, mas reconheço que a maioria ainda não tem acesso à educação. Espero que meus filhos e netos tenham um futuro ainda melhor. Embora esteja preocupado com o atual momento da política, acredito que ninguém vai nos tirar o avanço já conquistado por pessoas como Paulo Lins e Conceição Evaristo. E eu vou lutar para assegurar isso”*, destacou o autor.

Diáspora africana na escrita negra

O painel: “Encontro de Escritores Africanos: Diálogos e Experiências” teve como mediador o poeta carioca Écio Salles e reuniu a nata dos escritores internacionais presentes no evento, como Georgina Herrera (Cuba), Vera Duarte (Cabo Verde), António Quino (Angola) e Jurema Oliveira (Brasil).

Georgina foi muito aplaudida pela plateia formada em sua maioria por jovens estudantes. *“Vivi muitas histórias e tenho muita vontade de ensinar, de compartilhar a dor e as possibilidades de triunfo de nosso povo. Então, quero voltar aqui”*, disse a escritora cubana.

A romancista Vera Duarte falou das semelhanças entre seu país e o Brasil. *“Nossas escritas sofrem muitas influências mútuas. Não temos a produção acadêmica que vocês têm no Brasil, mas estamos chamando atenção dos brasileiros por causa da nossa escrita contemporânea”*, observou a cabo verdiana.

“Temos o mar como afinidade”, disse António Quino. *“Ele é um elemento importante na nossa cultura. As ondas que vão e vêm são como nossas vidas na produção literária”*. A professora, escritora e pesquisadora brasileira, pós-doutorado em Literatura Africana de Língua Portuguesa, Jurema, defendeu a “prá-



Shirley Campbell, Georgina Herrera, Jurema Oliveira, Écio Salles, Vera Duarte, e António Quino avaliam a literatura negra na diáspora.





“Porque ela possibilitará que os escritores do nosso país e dos países de língua portuguesa sejam lidos aqui e lá também”.

Durante a FlinkSampa, foram lançados muitos livros, entre eles, dos autores Vicente Blood, Ivan da Silva Poli, Antonio Quino, Carlos Nobre, Guiomar de Grammont, Jeferson Tenório, Lúcia Cássia de Carvalho Machado, José Vicente e Hugo Studart.

A FlinkSampa também contou com atividades externas na Biblioteca SP Parque da Juventude onde ocorreu debate com os escritores vencedores do Prêmio Jovem Negro de Literatura 2016, Robson Lousa e Ronald Acioli. Também houve debate na Biblioteca Mário de Andrade, com as escritoras Veralinda Menezes, Mariah da Penha e Kenia Maria. ■



SOLTANDO O VERBO CONTRA O RACISMO

Por Rejane Romano

Na Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra se transpira literatura. Além de todo formato da FlinkSampa que sempre homenageia ícones da escrita, a literatura é privilegiada também no Festival de vídeos AfroMinuto, no prêmio Agostinho Neto e no Concurso FlinkSampa de Literatura, uma parceria da Faculdade Zumbi dos Palmares e da ONG Afrobras com o SESI-SP, que se destina aos mais de 100 mil alunos da Rede Escolar SESI-SP do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Uma ação educativa, de estímulo à leitura, curiosidade, produção e criatividade dividida nas seguintes categorias: gêneros literários (poemas, contos e crônicas), ilustração, foto-

grafia e *draw my life* (em livre tradução: desenhe minha vida), que consiste em memes de internet, uma tendência iniciada em 2013. Dentre os ganhos desta iniciativa destacam-se a pesquisa sobre o tema “negros”, a promoção ao desenvolvimento de novos talentos e a contribuição para a formação de competentes leitores e produtores literários, artísticos e culturais.

Com o tema “Liberdade”, em referência ao direito do negro à liberdade física, de expressão individual e coletiva e de exercer qualquer trabalho ou profissão e, sobretudo, ao direito de ir e vir, a edição atual do concurso visa aprofundar o protagonismo do negro, tendo como referência suas trajetórias, experiências literárias e acadêmicas.





flinksampa



CONCURSO FLINKSAMPA DE LITERATURA SESI-SP | 2018

VENCEDORES

CATEGORIA 1 - GÊNEROS LITERÁRIOS

1º e 2º ANO

1º lugar - Escola SESI-SP "Luiz Latorre"
Tiago Paz da Silva
Eu quero liberdade e igualdade
2º lugar - Escola SESI-SP "Maria Aparecida Junqueira Pamplona de Menezes"
Caio Rafael Gazela Dourado
'O que sinto'

6º ao 9º ANO

1º lugar - Escola SESI-SP de Mauá - Jardim Itapark
Mariana de Moura Rodrigues Veloso
Arte da escrivência
2º lugar - Escola SESI-SP de Botucatu
Isabelle Caroline de Camargo Francisco
Estatuto da Mãe Preta

3º ao 5º ANO

1º lugar - Escola SESI-SP de Campinas - Bacuri
Michelle Vitória Rincon Antunes da Silva
Negrinha, negrinha!
2º lugar - Escola SESI-SP de Jaboticabal
Vitória Costa Pinto Ferreira
Conceição muito guerreira

ENSINO MÉDIO

1º lugar - Escola SESI-SP de Indaiatuba
Giulia Rodrigues da Silva
Conceição
2º lugar - Escola SESI-SP de Salto
Thainara Jardim Cardoso
Um grito que arde

CATEGORIA 2 - ILUSTRAÇÃO

1º e 2º ANO

1º lugar - Escola SESI-SP de Fernandópolis
Leticia de Carvalho Sartori
Liberdade e felicidade
2º lugar - Escola SESI-SP "Salomão Esper"
Maurício Garcia Giroto
Diferentes e iguais

3º ao 5º ANO

1º lugar - Escola SESI-SP de Garça
Cecilia dos Santos Gloneki Aparecido
Nossas raízes
2º lugar - Escola SESI-SP de Limeira
Alto da Boa Vista
Giovanni Crispim do Amaral Pedronette
Conceição Evaristo

CATEGORIA 3 - FOTOGRAFIA

6º ao 9º ANO

1º lugar - Escola SESI-SP de Piracicaba
Samuel Esteves de Souza
Representatividade nos contos de fada
2º lugar - Escola SESI-SP Joelmir Beting
Amanda Regina Domingos Mendes
Sonho de menina

CATEGORIA 7 - DRAW MY LIFE

ENSINO MÉDIO

1º lugar - Escola SESI-SP de Santo Anastácio
Carolina de Mello Muniz e Stephany Dias Rapchan
Representatividade em forma de mulher
2º lugar - Escola SESI-SP de Mogi Guaçu
Ana Clara Campos e Julia Henrique
A chama negra da escuridão



Categoria I – Gênero Literários
(Poemas)

Nível 1 – 1º e 2º ano

CE355 Luiz Latorre – Jundiá

Aluno: Tiago Paz da Silva

Eu quero liberdade e igualdade

No Brasil de etnias diferentes,
O preconceito está presente,
Na vida de muita gente.

Lutando contra isso,
Está Conceição Evaristo.
Pela igualdade,
Na nossa sociedade.

Somos todos iguais,
Assim diz a constituição,
Mas a realidade é outra
Na nossa nação.



Categoria I- Gêneros literários

Nível II - 3º ao 5º ano

CE421 Campinas

Aluna: Michelle Vitória Rincon
Antunes da Silva

Negrinha, negrinha!

Negrinha, negrinha,
De pele pretinha.
O que passa em sua cabeça?
Não se acha o espelho da beleza?

Negrinha, negrinha,
Quer ser professora?
Ou já foi escritora?
Se já foi, me ensina,
Por que não se compara
Com uma preciosa mina?

Negrinha, negrinha,
Nasceu em Belo Horizonte?
Então me conte,
Por que não se acha importante?

Negrinha, negrinha,
Você é lindinha, lindinha,
Não precisa seguir a publicidade,
Ou quer ser igual a nossa cidade?

Negrinha, negrinha,
Seus livros em outros países estão?
Claro, na sua mente não
há devastação,
Mas no coração da nação,
Seu nome reinará,
Nossa amada Conceição,
Que a todos sempre amará!



Categoria I - Gêneros Literários

Nível 3 – 6º ao 9º ano

CE406 - Mauá

Aluno: Mariana de Moura R. Veloso

Arte da escrevivência

Mais uma noite que eu passo em claro. Acordo, me levanto e vou para a escrivaninha, que está ao lado de minha cama. Acendo a luz do quarto. Procuo uma folha limpa em meio a outras tantas já rabiscadas de ideias. Isso acontece várias vezes, já que minhas ideias vão e vêm. Rotina. Finalmente acho a folha. Pego um lápis jogado na mesa. Penso. Lembro-me da minha doce época de criança, na favela do Pendura Saia, minha mãe passando as roupas e depois achando tempo de contar histórias para mim e meus irmãos. Lembro-me também das bonecas de palha que ela fazia, aquilo era pura diversão. Rabisco algo no papel. Versos soltos, sem sentido. Brinco com o lápis.

Lembro-me novamente do meu passado... Estava na escola, lendo meu poema para a turma toda. Já começava a me sentir diferente, como se todos olhassem para o fundo de minha alma. Não sabia, mas era apenas mais uma consequência do domínio da elite branca em nosso país: o preconceito. Volto a minha realidade. Penso. Às vezes, acho que escrevo para sobreviver. Escrever é como uma vingança, mas sem machucar fisicamente. Por isso pratico “a arte da escrevivência”.

Mais versos soltos aparecem na minha folha. Pensar na realidade do negro é minha maior inspiração e foi minha maior força até me formar: meus dias esfregando chão e minhas noites mergulhada em meus livros. Mas consegui! Cheguei lá e mostrei a todos, que não me deram valor, que sou capaz. Mostrei a força da mulher negra. Voltei a mim. Risquei os versos e virei a folha. Novo começo. Estou pronta para a “arte da escrevivência”.



Categoria III – Fotografia • Nível – 6º ao 9º ano

CE 165 Piracicaba

Aluno: Samuel E. de Souza

Título: Representatividade nos contos de fada





Categoria II – Ilustração

Nível 3º ao 5º ano

CE267 Garça

Aluna: Cecília dos Santos Gloneki

Título: Nossas raízes



Categoria I- Gêneros literários

Nível II - 3º ao 5º ano

CE421 Campinas

Aluna: Michelle Vitória Rincon Antunes da Silva

Conceição

Por lemanjá, Oyá e Oxum
Nessa vida por muitas coisas passei
Quando criança a miséria era comum
E o trabalho duro era nossa lei

Nascida nas Minas e de família pobre
Nunca nos faltaram dificuldades
Mas nosso sangue é de cobre
E nossa cultura divindade

As palavras eram meu lar
Os livros minha vivência
Lia o que não se podia falar
Dando sentido à minha escrevivência

A mulher negra na minha escrita
apareceu
Com toda força e verdade
E o estereótipo dela morreu
Restando agora sua autenticidade

A literatura me escolheu
E eu a ela me entreguei
Busco a identidade que se perdeu
E os rastros negros resgatarei

Desconstruir a mulher negra é meu
papel
A literatura que era minha segurança
Numa sociedade onde os negros
engolem fel
Também se tornou minha vingança

Não quero gracejos nem flores
Final sou só alguém que escreve
E nessa vida cheia de dores
Aquele que se atreve

Pois digo que sou de origem africana
E mulher preta de muita ação
Nesse mundo não sou soberana
Eu sou a Conceição!

Categoria II – Ilustração • Nível 1º e 2º ano • CE405 Fernandópolis

Aluna: Letícia de Carvalho Sartori

Título: Liberdade e felicidade



CE405 - Fernandópolis
Nome da aluna: Letícia de Carvalho Sartori

“O compromisso de lutar contra o racismo não é apenas dos negros. A ideia de incluir o público não negro nesse debate é muito positiva. É muito bacana ver jovens, adolescentes preocupados com a literatura negra. Essa experiência é o grande barato desse evento”, avalia a escritora Kenia Maria.

A comissão julgadora foi formada

por professores, alunos e ex-alunos do curso de Pedagogia da Faculdade Zumbi dos Palmares. Os resultados da 5º edição do concurso que reuniu milhares de estudantes foram apresentados no último dia da FlinkSampa 2018, no campus da Faculdade Zumbi dos Palmares. ■

brasileira ganha prêmio Agostinho Neto



Amarildo Conceição, diretor da Fundação Agostinho Neto, Francisca Rodrigues e Crislayne Alfagali.

Promovido pela Faculdade Zumbi dos Palmares e pela Fundação Dr. António Agostinho Neto, o prêmio internacional Agostinho Neto, que distingue trabalhos de pesquisadores de todo o mundo, como forma de contribuir para a melhor compreensão da história de Angola, do Brasil e África em sua diáspora, apresentou a ganhadora da edição deste ano durante a FlinkSampa 2018.

A premiação bianual contemplou a brasileira Crislayne Alfagali, doutorada em História e professora universitária, com US\$ 50 mil. A autora do livro 'Ferreiros e Fundidores da Ilamba. Uma história social da fabricação do

ferro e da fábrica de ferro de Nova Oeiras - Angola, segunda metade do século XVIII', concorreu com outras 36 obras, advindas de oito países: Angola, Brasil, Camarões, Cuba, Guiné Bissau, Portugal, Suécia e Venezuela.

A obra ganhadora traz o caráter investigativo sob a perspectiva africana, considerando que o Brasil tem procurado promover mais o estudo da história pela vertente africana e não apenas sob a visão europeia.

Foram igualmente galardoadas duas menções honrosas para os professores Thiago Henrique e João José Reis com as obras 'História Atlântica da Islamização na África

Ocidental - Senegâmbia, séc. XVI' e 'Ganhadores. Trabalho africano, controle e conflito na Bahia Urbana (Séc. XIX)', respectivamente.

Durante a FlinkSampa Amarildo Conceição, representou a fundação Agostinho Neto. ■

PRÊMIO INTERNACIONAL AGOSTINHO NETO

Agostinho Neto, que dá nome à premiação, é um médico, escritor e político angolano. Foi presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola e em 1975 tornou-se o primeiro presidente do país.

a luta pela igualdade em

1

minuto

Em mais um ano alunos e alunas da rede de ensino pública e Rede SESI e da Fundação Bradesco puderam vivenciar e testar conhecimentos ao participar do Festival AfroMinuto – FLINKSAMPA, que tem por objetivo o estímulo da cultura negra por meio da produção audiovisual.

Através de vídeos sobre a condição do negro no Brasil os alunos explicitam realidades, por vezes vivenciadas por eles próprios, resgatam o protagonismo negro em nossa história, avaliam o mundo que queremos – e podemos – ter e, acima de tudo: contemplam a Lei 10.639 de ensino da história da África nas instituições de ensino, cuja premissa é a valorização da Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Em sua terceira edição, o AfroMinuto homenageou a vida e a obra de Conceição Evaristo, patrona da FlinkSampa 2018. Jovens estudantes de instituições de ensino públicas, da Rede SESI e da Fundação Bradesco experienciaram atividades de cunho cultural que foram desde a pesquisa sobre a escritora, até a elaboração de roteiro e literalmente por a mão na massa para a criação dos curtas de no máximo 1 minuto de duração.

Em grupos de alunos e um professor ou educador responsável, os estudantes puderam contar com a praticidade de capturar as imagens até pelo celular. *“Desde que iniciamos o Festival AfroMinuto buscamos democratizar ao máximo o acesso e a participação dos jovens.*

Pois, para nós o que mais importa é que eles possam conhecer e propagar a história de nossos protagonistas”, diz Francisca Rodrigues, presidenta da FlinkSampa. A comissão de jurados foi formada pelos alunos e professores do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Zumbi dos Palmares.

Em 21 de novembro foi o grande dia de conhecer os ganhadores. Acompanhe cada categoria.

Respeito em primeiro lugar

Categoria Ensino Fundamental (anos iniciais)
Escola SESI de Limeira – Nova Suíça – Limeira/SP

Professora: Rosana Cristina Bernardino de Almeida

Alunas: Isabelle Parizotto Baraldi, Maria Fernanda da Silva, Monique Uehara Runge

O vídeo fala sobre o preconceito, dentre eles o que mais se evidencia: o racismo. As alunas pedem no vídeo por mais carinho, amor e respeito para combater o racismo, que causa tanta dor.

Sou mulher, sou guerreira, sou negra!

Categoria Ensino Fundamental
Escola Estadual Esther Frankel Sampaio - São Paulo/SP

Professora: Teresa Cristina Candido

Alunas: Helena da S. Sebastiao, Denise Lucia dos Santos, Luenir G. Batista.



Vídeo baseado em texto original de autoria das alunas sobre empoderamento da mulher negra.

Se ele rir não se negue

Categoria Ensino Médio

Fundação Bradesco Jardim Conceição - Osasco/SP

Professora: Juçara Faria de Souza

Aluno: Lucas Ferreira Cardoso

Este vídeo contempla o texto de dois artistas como forma de combate ao racismo. MC Mestiço e Sandra de Sá, embelezam a interpretação de Lucas através de suas composições musicais. ■

PREMIAÇÃO

Para alunos: certificado de participação e 1 (um) aparelho kindle por aluno da equipe.

Para a escola, o professor(a) ou educador(a) ou responsável: certificado de participação e livros de literatura afro-brasileira da Editora Unipalmes e/ou de Editoras parceiras para a biblioteca.

Compromisso com o ensino da Cultura afro-brasileira

“Temos de voltar sempre o olhar para a diversidade”, seguindo essa premissa a Faculdade Zumbi dos Palmares realizou VII Seminário Internacional Memória do Negro na Arte, Literatura e Produção Acadêmica, que nesta edição abordou, entre outros aspectos, a capacitação dos professores para o atendimento à Lei 10.639, que instituiu a adoção do ensino da cultura africana em todas as escolas do país.

Há quem acredite que algumas leis “pegam” e outras não. O ensino do protagonismo negro nas escolas é uma lei de 2003 que há 15 anos não conseguiu emplacar e não é adotada na maioria das instituições de ensino. E, se a “desculpa” pela não adoção





e implementação da lei é a falta de preparo dos docentes, eis que o Seminário internacional mais uma vez provou que essa é uma barreira totalmente transponível.

“Temos de sair daqui hoje comprometidos com a educação que valorize todas as culturas, todas as etnias e as nossas diferenças”, disse a professora Telma Cézar da Silva Martins, coordenadora do Curso de Pedagogia da Zumbi dos Palmares, ao participar da mesa: Eixo Temático: Currículo, Formação de Professores/as e Produção de Material Acadêmico e Didático para o Ensino da Cultura Afro Brasileira na Educação Básica e no Ensino Superior. “Temos de voltar sempre o olhar para a diversidade, senão,

ela bate à nossa porta e não sabemos o que fazer. É o que está acontecendo com o ingresso das crianças refugiadas da Venezuela em nossas escolas. Elas chegaram e não tem professor que fale espanhol para acolhê-las”, contou Telma.

A mesa também contou com a presença de Rita Gomes do Nascimento, diretora de Políticas de Educação do Campo, Indígena e para as Relações Étnico-raciais da Secadi (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão).

Ambas palestrantes destacaram a indiferença de professores e gestores das escolas como uma das dificuldades em fazer valer a lei. Durante a palestra, uma professora da rede pública quis saber como é que se efetiva uma lei num país onde nem a escravidão, nem o preconceito são ainda reconhecidos. *“Trabalho há oito*





anos em escola pública e esse tema sequer é debatido”, disse a educadora.

“Os negros estão em movimento para reescrever essa história”, disse Rita. “Ela depende de políticas públicas efetivas, com o Ministério da Educação agindo junto aos estados e municípios, mas também depende do nosso enfrentamento no dia a dia.”

Uma das formas de enfrentamento sugeriu Telma, é com defensores da igualdade racial que podem lançar mão de índices oficiais, como os de morte da população negra, para convencer os gestores e professores da necessidade de adoção da lei. “Temos obrigação de usar nosso saber para mudar a sociedade”, avaliou a coordenadora de Pedagogia.

David Capelenguela, escritor que integra a União dos Escritores Ango-

lanos, participou do diálogo Literatura como missão: visões entre mundos e avaliou positivamente a temática do Seminário. “Um evento como esse é muito importante porque reforça a nossa identidade. Quando diversas personalidades como professores, escritores, jornalistas... enfim, quando estas pessoas se reúnem, inclusive advindas de várias partes do mundo, para dialogar sobre um tema como esse me parece que estamos cada vez mais nos apropriando de algo que é de nossa responsabilidade, aquilo que deve ser a nossa luta permanente para nos afirmarmos”.

O professor Natanael Santos, do Núcleo de Direitos Humanos da Zumbi dos Palmares e do Núcleo do Estudo Afrobrasileiro da UNICAMP, fez a oficina Trajetórias do Africano no Espaço Geográfico Brasileiro.

O seminário contou ainda com debates como: Currículo, Formação de Professores e Produção de Material Acadêmico e Didático para o Ensino da História da Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica e no Ensino Superior; Intelectualidade Negra e a Produção do Conhecimento Científico; a Trajetória do Negro na Produção da Literatura Brasileira; Fazer literário: práticas e saberes no mundo da escrita; Bora contar histórias com personagens pretas?; Contação de estórias com Verônica Marcílio; Pensar pensando: lugar de fala que não se cala na literatura negra; O ato de escrever é uma militância?; Formação de Leitores em Textos de Autores Negros; Encontro de Escritores africanos: diálogos e ex-

periências; Literatura como missão: visões entre mundos; Políticas Sociais e Violência de Gênero: uma análise sobre violência de gênero em relação à mulher negra- O caso Marielle Franco e Contribuição Negra à Arte Brasileira e Mundial.

O seminário internacional contou ainda com Oficinas Especiais, com apresentação do Corpo para as Artes, Ternas e Capoeira Angola, com a Profa. Dra. Renata Bittencourt Meira





UFU – Uberlândia – MG; uma peça de teatro : O Diário de Bitita (A Vida de Carolina de Jesus) com os atores Andréia Ribeiro, Gabriela Buono Calainho e Ramon Botelho.

Os participantes tiveram a oportunidade de conhecer e debater temas infantis como: “Imaginário das histórias sem personagens negros”; “Martinho da Vila para crianças – A rainha de bateria” e “Personagem Jeremias: Pelé - o mundo de Maurício de Sousa”, entre outros. ■

em jornada

pela inclusão de negros



A conferência Jornadas da Diversidade, promovida pela Iniciativa Empresarial pela Igualdade, chegou a 6ª edição discutindo a inclusão racial no meio corporativo com a presença de renomados juristas e CEOs de al-

gumas das maiores empresas em atividade no país. O mote da discussão responde a um dos mais desafiadores e persistentes problemas da sociedade brasileira: o preconceito, o viés inconsciente e a discriminação racial, sob a

perspectiva do mercado de trabalho.

O evento, apoiado pela Coca-Cola Brasil, aconteceu no dia 21 de novembro, no Maksoud Plaza, em São Paulo e na ocasião cinco novos signatários aderiram à Iniciativa Empresarial pela



no mercado de trabalho

Fotos: Diego Bavarelli e Patricia Ribeiro.

Igualdade: B3, Banco Citi, Schneider, Petrobras e J. Walter Thompson.

Henrique Braun, presidente da Coca-Cola Brasil, destacou a importância de expandir os conceitos da iniciativa Empresarial pela Igualdade

para a cadeia de fornecedores das empresas. *“É importante que esse diálogo possa evoluir para ações. Se cada um de nós trouxermos mais um, seremos mais de 100”*, ressaltou Braun.

“Nesta edição, o nosso objetivo é ofe-

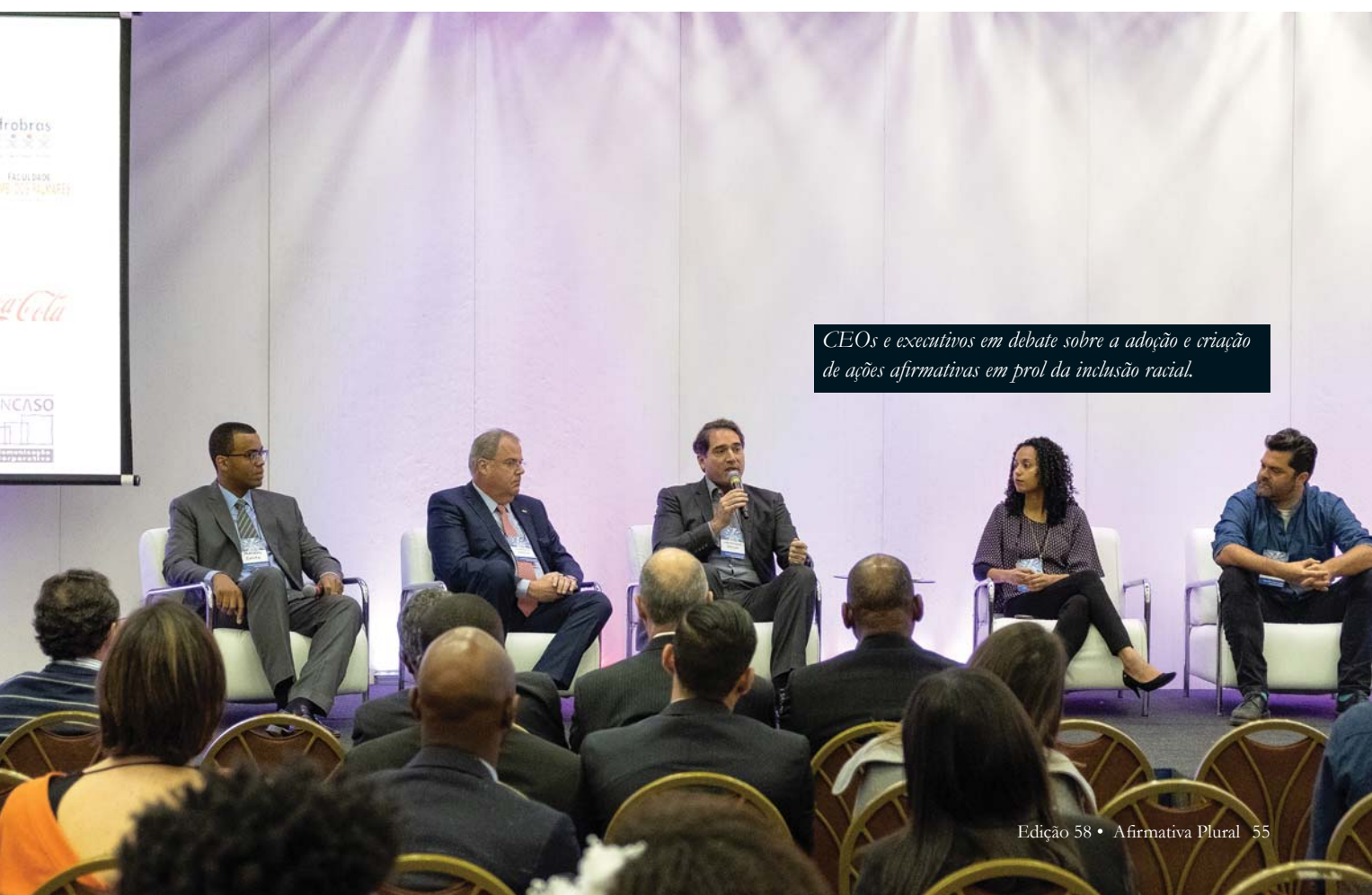
recer não só uma perspectiva das transformações que já se apresentam no mercado de trabalho no que diz respeito à diversidade, mas também ressaltar os esforços em prol da necessidade da superação definitiva do preconceito para garantir maior inclusão

racial nas empresas”, afirmou Raphael Vicente, coordenador da Iniciativa Empresarial pela Igualdade.

A Iniciativa Empresarial pela Igualdade é um projeto da Faculdade Zumbi dos Palmares e Afrobras. Dez compromissos marcam os objetivos da Iniciativa:

1. Comprometer-se – presidência e executivos – com o respeito e a promoção da igualdade racial.
2. Promover igualdade de oportunidades e tratamento justo a todas as pessoas.
3. Promover ambiente respeitoso, seguro e saudável para todas as pessoas.
4. Sensibilizar e educar para o respeito e a promoção da diversidade racial.
5. Estimular e apoiar a criação de grupos de afinidade sobre diversidade racial.
6. Promover o respeito à diversidade racial na comunicação e marketing.
7. Promover o respeito a todas as pessoas no planejamento de produtos, serviços e atendimento aos clientes.
8. Promover ações de desenvolvimento profissional para se alcançar a igualdade racial no acesso a oportunidades de trabalho e renda.
9. Promover o desenvolvimento econômico e social na cadeia de valor dos segmentos étnico-raciais em situação de vulnerabilidade e exclusão na cadeia de valor.
10. Promover e apoiar ações em prol da igualdade racial no relacionamento com a comunidade.





CEOs e executivos em debate sobre a adoção e criação de ações afirmativas em prol da inclusão racial.





Da esquerda para a direita: Maykel Costa, gerente de auditoria da KPMG; Paulo Gomes, vice-presidente de Supply Chain da Schneider Electric; Halina Matos, representante da B3; Eberaldo de Almeida Neto, diretor Executivo de Assuntos Corporativos da Petrobras; Júlio César Alves de Oliveira, presidente da Cateno; Antônio Jacinto Caleiro Palma, presidente do Conselho de Administração do CIEE; José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares; Henrique Braun, presidente da Coca-Cola Brasil; Helena Berto, Coca-Cola; Ricardo John, presidente da J. Walter Thompson; Andréa Assef, diretora de Marketing e Comunicação da J. Walter Thompson; Patrícia Frias, representante do Banco Citi; Rafael Vicente, coordenador da Iniciativa Empresarial pela Igualdade Racial; Lucas Gomes, estagiário da Brasscom; Sergio Paulo Gomes Galindo, presidente Executivo da Brasscom.

De acordo com o Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas Ações Afirmativas, realizado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Instituto Ethos, a sub-representação de negros se acentua no mercado de trabalho quando enfocamos nos cargos de nível hierárquico mais altos, onde a presença de afrodescendentes diminui drasticamente. *“A população afrodescendente sofre com dificuldades para ascensão profissional, tendo presença simbólica nas posições mais altas das empresas. Em cargos gerenciais são apenas 6,3% comparados com 90,1% de brancos; no quadro executivo são apenas 4,7%, comparados com 94,2% de brancos; e nos conselhos de administração são 4,9%, comparados com 95,1% de brancos”*, destaca o documento.

“Nós temos que reconhecer que o racismo existe e que para que tenhamos igualdade é preciso que todos estejam dispostos a dialogar. Precisamos derrubar o muro que impede os jovens negros que estão na graduação de acessar o espaço corporativo”, destacou o reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, José Vicente.

Entre os convidados e painelistas do Jornadas da Diversidade 2018 estiveram renomados juristas, como Dr. Marcio Elias Rosa, secretário de Justiça do Estado de São Paulo, e CEOs como Ricardo John, presidente da J. Walter Thompson; Charles Kriek, presidente da KPMG; Henrique Braun, presidente da Coca-Cola Brasil; Júlio César Alves de Oliveira, presidente da Cateno; Antônio Jacinto Caleiro Palma, presidente do Conselho de Administração do CIEE; Sergio Paulo Gomes Galindo, presidente Executivo da Brasscom; Paulo Tarso Martinelli Gomes, vice-presidente Schneider Electric; e Eberaldo de Almeida Neto, diretor Executivo de





Assuntos Corporativos da Petrobras; além de Halina Matos, representante da B3 e Patrícia Frias, representante do Banco Citi.

Entre os destaques da programação da conferência, a apresentação de resultados inéditos de dois importantes levantamentos sobre a população negra e o mercado de trabalho no Brasil. O Relatório de Gestão da Diversidade e Inclusão Racial, em parceria com a KPMG, um estudo cujo objetivo é relacionar as boas práticas das grandes empresas, quanto ao tema inclusão e diversidade, mapeando êxitos, dificuldades e desafios encontrados para o alcance pleno da inclusão racial. *“Estamos em conversa com a Faculdade Zumbi dos Palmares para que a pesquisa seja realizada anualmente, pois precisamos nos unir*

para que a pauta da diversidade não saia do radar das companhias”, disse o presidente da KPMG, Charles Kriek.

Já o outro estudo, em parceria com a Zumbi dos Palmares, é intitulado O Mercado de Trabalho Brasileiro sob a Ótica do Profissional Negro. Elaborado pelo Núcleo de Diversidade e Empregabilidade também da Faculdade Zumbi dos Palmares, o estudo constatou, por exemplo, que 70% dos entrevistados acreditam que existe racismo nos processos seletivos das empresas, sendo que 30% relatam terem vivenciado o problema. Além disso, 54% dos participantes acreditam que o preconceito de cor é o mais presente no ambiente corporativo, seguido pelo preconceito por orientação sexual (15%). ■

BONS EXEMPLOS

O Relatório de Gestão da Diversidade e Inclusão Racial traz cases de empresas que já têm literalmente “colocado a mão na massa” pela inclusão.

Um dos exemplos é a Dow Química, que vem trabalhando em parceria com uma consultoria de recrutamento para aumentar o percentual de negros nos programas de estágio da companhia. No primeiro semestre de 2018, a meta de 30% de jovens negros contratados foi atingida com sucesso. No segundo, o objetivo alcançado foi de 48% de contratação.

A PwC, outra participante do estudo, realizou acompanhamento da contratação com garantia de diversidade de raça no Programa de Trainees de 2018, a maior porta de entrada para a empresa. Foram admitidas flexibilizações no perfil de candidatos, como a obrigatoriedade do inglês, além de serem adotadas ações como treinamento dos selecionadores, no sentido de sensibilizá-los para a importância da presença de agentes da área de inclusão e diversidade durante as dinâmicas e entrevistas. A iniciativa resultou em um aumento nas contratações de negros, de 8% do total, em 2017, para 28%, em 2018.

emoção e

...em noite

troféu raça negra

consciência

Troféu Raça Negra ocupa Sala São Paulo em reconhecimento ao protagonismo negro.



de kizomba



Foto: Tuca Vieira.

A magia se repete. Limusines, todos de black tie ... Mas, sobretudo, o que é notório, são os sorrisos fartos exibidos em faces predominantemente negras. Sim, uma vez ao ano os negros e negras são maioria na Sala São Paulo, assim como o são na população brasileira, 54,9% de acordo com o IBGE. Desta vez são maioria em algo positivo e não apenas nas

matérias jornalísticas que exibem os números da exclusão dos negros, seja no mercado de trabalho, na educação ou até mesmo na mídia.

O Troféu Raça Negra chega a 16ª edição outorgando o considerado Oscar da Comunidade Negra à pessoas quem têm contribuído para mudar o cenário que ainda permite um abismo entre negros e não negros.

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) Dias Toffoli, recebeu pela segunda vez o Troféu Raça Negra e prometeu atender a um pedido que o reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares e idealizador do evento, José Vicente, fez a ele na abertura: possibilitar o acesso de jovens estudantes de Direito aos estágios nos ambientes jurídicos. “Com

troféu raça negra



João Farias e José Vicente.



Presidente do STF se compromete em viabilizar o acesso de estudantes negros em estágios jurídicos.

isso, tenho certeza que, no futuro, teremos muitos 'Joaquins Barbosa', disse José Vicente e ainda completou: "Porque não basta possibilitar aos jovens a entrada nas universidades. Temos de viabilizar o ingresso deles no mercado de trabalho."

Pensada nos detalhes, a cerimônia contempla símbolos que enaltecem o protagonismo de negros e negras, nacional e internacionalmente. Além dos feitos dos não negros que têm se dedicado a contribuir com o combate ao racismo e pela promoção da equidade racial.

Justamente por isso toda a majestosa para a cerimônia que literalmente ocupa a considerada melhor sala de concertos da América Latina, listada pelo prestigiado jornal inglês, *The Guardian*, entre os

dez melhores espaços para concertos do mundo. Desde o brinde realizado no hotel, que anualmente acomoda as celebridades convidadas para o evento, ao transporte em carros de luxo, até a entrada na casa de espetáculos sobre o tapete vermelho. Tudo meticulosamente orquestrado para pontuar que nesse dia, negros e negras e as causas que lhes são pertinentes são o grande destaque.

Um evento que se mantém necessário e unanimemente aclamado pelos participantes. *“Eu já faço parte desse evento! Agora um pouco mais tenso por ter a missão de abrir o show”*, revelou Martinho da Vila, que abriu a cerimônia ao cantar à capela.

Netinho de Paula e Sérgio Loroza falaram sobre a escolha do homena-





Galbardia em prestígio à raça negra.















geado, Mano Brown. “Passa uma história na cabeça em lembrar que crescemos na mesma rua e que depois nos tornamos artistas. Sempre que possível nos encontramos para conversar. E, poder cantar uma música que ele é muito fã, do Almir Guineto, é um orgulho para mim”, disse o cantor, compositor, apresentador e político, Netinho. “Mano Brown é um dos maiores ídolos que eu tenho e poucos conseguem nos representar como ele, que tem a autenticidade do gueto e é muito importante ter pessoas que nos representem assim”, avalia o cantor e ator Loroza.

Já Erika Januza falou sobre o quanto o evento representa para a luta contra o racismo. “Eu sempre digo e repito que os casos de racismo que vêm à tona são muito tristes, mas é mais triste ainda pensar na quantidade de pessoas que passam por situações semelhantes que não são repercutidas. E ainda há quem diga que



Martinho da Vila e Cléo Ferreira.



Netinho de Paula.



Thaíde e Kenia Maria.

racismo não existe. Casos como o da Valéria (advogada negra que passou por situação de racismo durante uma audiência, sem algemada por policiais) servem para mostrar que o racismo existe sim e que todos nós devemos continuar lutando. Temos que falar sobre o racismo para acabar com ele. Não é 'mimimi', acontece e é muito triste ainda em 2018 ver que a falta de respeito permanece entranhada nas pessoas. Sonho com o dia que não precisemos falar mais disso e não sei se esse momento está tão próximo”, desabafou a atriz.

O grande homenageado dessa edição, Mano Brown, era só alegria ao assistir da plateia a cerimônia dirigida pelo diretor e ator Eduardo Acaiabe, que celebrou a vida e a obra do líder dos Racionais MC's durante toda a festividade, apresentada pelo rapper Thaíde e pela atriz Kenia Ma-





Fafá de Belém.



Max de Castro.



ria. *“Estamos aqui ocupando esse espaço que é nosso por direito, da melhor maneira possível: com arte e cultura”*, disse Thaíde segundos antes de comandar a festa da comunidade negra.

Além das entregas de estatuetas, ganharam destaque durante a cerimônia as apresentações musicais. O cantor Martinho da Vila, homenageado na edição de 2015, foi quem abriu a grande noite, cantando, em versos e à capela, a vida de Zumbi dos Palmares. Depois, Fafá de Belém cantou o Hino Nacional. Muitos shows abrilhantaram a noite, com apresentações de cantores como Max de Castro e Hyldon, Netinho e o rapper Dexter. O cantor Walmir Borges, que assinou a direção musical do evento, levou para o palco músicas do gosto pessoal de Mano Brown. *“Conbeço o*



Hyldon.



Coral Zumbi.



Walmir Borges.



Brown há tempos, também sou oriundo da periferia da zona sul de São Paulo e posso dizer que temos a mesma playlist musical e as mesmas referências. Então, foi muito gostoso quando comecei a pesquisar mais sobre ele, porque acabei encontrando muito da minha própria história. Até porque a história do Brown se parece com a de muitas pessoas”, avalia Walmir.

A filha de Brown, a atriz Domenica Dias, se emocionou e chegou às lágrimas ao declamar um poema em homenagem ao pai. O filho, Jorge, e a mulher do ídolo, Eliane Dias, também estavam presentes.



Filha de Mano Brown se emociona ao homenagear o pai.



Outro momento de emoção foi durante a homenagem “in memoriam” à vereadora carioca Marielle Franco, morta a tiros no Rio de Janeiro, em março, juntamente com o motorista Anderson Gomes. A vereadora defensora dos direitos humanos, foi representada pela família: mãe, pai, irmã e a sobrinha. Aplaudida de pé, a mãe, Marinete Silva, se emocionou ao agradecer o prêmio. *“É uma dor profunda, ainda não temos notícias de quem fez aquilo, mas é gratificante ver minha filha, que sempre lutou pelos direitos humanos, recebendo essa homenagem”, disse a mãe. “Quiseram nos calar, mas eu vou honrar o sangue da minha família e levar o legado da minha irmã Marielle por onde eu for. O lugar das mulheres negras é onde elas quiserem”, pontuou a irmã da vereadora, Anielle.*

A ficção fez alusão à vida real quando a atriz Erika Januza, que interpretou uma juíza na novela ‘O Outro Lado do Paraíso’, da Rede



Irmã de Marielle Franco realiza fala contundente ao receber a homenagem em memória da vereadora assassinada.



A advogada recebeu o Troféu Raça Negra das mãos da atriz que interpretou uma juíza.





troféu raça negra

TROFÉU RAÇA NEGRA

Mano Brown





Globo de Televisão, entregou o “Oscar Negro” para a advogada Valéria dos Santos, que foi presa e algemada no Rio de Janeiro, durante uma audiência, em pleno exercício de sua profissão. Ao receber o troféu a advogada elogiou Erika pela atuação como uma juíza que precisou lutar muito e vencer o preconceito para chegar aos tribunais na trama global.

A estatueta dourada foi entregue a Mano Brown que revelou: *“Nasci do ventre de um pedaço da África. Tudo o que eu tenho vem da raça negra, que eu procuro honrar. Já prometi minha vida a essa causa. Eu que sempre falei muito, não consigo dizer mais nada a não ser: obrigado povo negro, por me fazer ser quem eu sou.”*



Lista de Agradidos no Troféu Raça Negra 2018

Adama Dieng - Assessor Especial do Secretário Geral da ONU para a Prevenção do Genocídio.

Dias Toffoli - Presidente do Supremo Tribunal Federal.

Fafá de Belém - Cantora.

Gaby Amarantos - Cantora e Apresentadora.

José Gregori - Ex-ministro da Justiça, atual Presidente da Comissão de Direitos Humanos da USP.

Júlio Cesar Meirelles de Freitas - Secretário de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), do Ministério da Educação.

Luiza Trajano - Presidente do Magazine Luiza: *"A gente só consegue ser feliz com igualdade. Ofereço esse troféu*



troféu raça negra



ao meu grupo Mulheres do Brasil e prometo continuar lutando contra as desigualdades”, disse Luiza.

Luiz Carlos Trabuco - Presidente do Conselho de Administração do Banco Bradesco.

Mano Brown - Rapper.

Maria Inês Fini - Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Marielle Franco “*in memoriam*” - Vereadora (PSOL/RJ), defensora dos direitos humanos, assassinada de forma brutal em março de 2018 - Representada por: Antônio Francisco da Silva Neto (Pai), Marinete da Silva (Mãe), Anielle Francisco da Silva (Irmã) e Mariah Silva dos Reis (Sobrinha).

Otávio Frias Filho “*in memoriam*” - Jornalista, diretor de redação do jornal Folha de S. Paulo, falecido em





agosto de 2018 - Representado por Sergio Dávila, editor-executivo do jornal Folha de S. Paulo.

Reinaldo Gonçalves - Sambista considerado “O Príncipe do Pagode”.

Rilma Aparecida - Desembargadora, Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região.

Teresa Cárdenas - Escritora, roteirista, atriz, bailarina e ativista social cubana.

Valéria Lúcia dos Santos - Advogada, que sofreu situação de racismo em setembro de 2018, durante uma audiência no Rio de Janeiro.

Mano Brown e Dexter fecharam a cerimônia, ou melhor, a kizomba, que se tornou a celebração da 16ª edição do Oscar da Comunidade Negra. ■

troféu raça negra

Troféu Raça Negra 2018

Condecorados com a estatueta do Troféu Raça Negra 2018

(por ordem alfabética)

Adama Dieng - Assessor Especial do Secretário Geral da ONU para a Prevenção do Genocídio.

Dias Toffoli - Presidente do Supremo Tribunal Federal.

Fafá de Belém - Cantora.

Gaby Amarantos - Cantora e Apresentadora.

José Gregori - Ex-ministro da Justiça.

Júlio Cesar Meirelles de Freitas - SECADI/MEC.

Mano Brown - Rapper.

Maria Inês Fini - Presidente do INEP.

Marielle Franco *"in memorian"* - Vereadora (PSOL/RJ), representada por sua família.

Otávio Frias Filho *"in memorian"* - Diretor de redação do jornal Folha de S. Paulo, representado por Sergio Dávila.

Reinaldo Gonçalves - Sambista.

Rilma Aparecida Hemetério - Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região.

Teresa Cárdenas - Escritora.

Valéria Lúcia dos Santos - Advogada.

Categoria Especial Troféu Melhores Empresas da Diversidade

Luiza Trajano - Presidente do Magazine Luiza, personalidade do ano.

Luiz Carlos Trabuco - Presidente do Conselho de Administração do Banco Bradesco, melhor prática de diversidade.



TROFÉU

Raça Negra

2018



Mano Brown

“ Fiquei muito emocionado em ver amigos no palco. Eu sou um cara meio duro e resistente para algumas coisas, mas me emocionei de verdade. Nosso povo está de parabéns. Esse troféu para mim vale muito. Desde quando comecei era isso que eu queria: o reconhecimento da raça negra. O meu público alvo desde sempre é a raça negra. Um público muito crítico, com gosto musical elevado. Então ser aceito por esse povo é muito gratificante. ”

Rapper - Homenageado no Troféu Raça Negra 2018.

TROFÉU

Raça Negra

2016



Luiza Trajano

“ Por mais que a gente faça, ainda tem muito a ser feito. Eu me envolvi com este movimento há muito tempo e fico muito lisonjeada em estar aqui hoje e ver o tanto que o movimento cresceu, o quanto aceitamos que existe sim a desigualdade e o quanto todos estão lutando para essa situação melhorar. Parabéns à Faculdade Zumbi dos Palmares por realizar um trabalho tão maduro e profissional. É uma responsabilidade esta homenagem para que eu continue lutando por justiça nesse país. ”

Presidente do Magazine Luiza.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra

20



Luiz Carlos Trabuco

“ Esse é um evento de afirmação para celebrar as conquistas que temos conseguido quanto a diversidade e a inclusão. E, ao mesmo tempo nos motiva a agir em direção a integração que é tão importante. Nesse sentido a Faculdade Zumbi dos Palmares faz um trabalho excepcional através da educação. ”

Presidente do Conselho de Administração do Banco Bradesco.

TROFÉU

Raça Negra

201



Adama Dieng

“ Este é um momento maravilhoso. Receber este prêmio significa muito para mim. É o reconhecimento da nossa luta para que a gente possa viver em um mundo sem qualquer forma de discriminação. Um mundo de paz, porque hoje em dia estamos vendo o crescimento do racismo, da xenofobia e de todas as formas de intolerância, em todas as partes do mundo. ”

Assessor Especial do Secretário Geral da ONU para a Prevenção do Genocídio.

TROFÉU

Raça Negra



Dias Toffoli

“ É uma honra estar mais uma vez aqui no Troféu Raça Negra. Tenho certeza que esse troféu que recebi representa também uma premiação a todo judiciário brasileiro e ao STF, que vem tomando decisões que têm garantido cada vez mais a inclusão racial e social na sociedade brasileira. Nós somos um país multirracial e a colaboração da raça negra é fundamental na nossa história. É necessário que cada vez mais estejamos atentos para garantir a igualdade. E, que os negros estejam presentes nos postos de poder, de comando e de decisões. ”

Presidente do Supremo Tribunal Federal.

TROFÉU

Raça Negra

2018



Fafá de Belém

“ Eu entendo que os índios e negros são as raças que construíram esse país, a base do trabalho e da cultura. Então, nós somos indissociáveis e estaremos sempre juntos. Estou muito emocionada. ”

Cantora.

TROFÉU

Raça Negra

201



Gaby Amarantos

“ Principalmente neste momento que estamos vivendo e que se tem falado muito em nós segurarmos uns nas mãos dos outros, esse prêmio vem para fortalecer as nossas lutas e dar a certeza de que estamos no caminho certo. Para que possamos nos confraternizar, olhar nos olhos, ver as faces, os sorrisos e continuar. É tudo o que a gente precisa, força para continuar. ”

Cantora e Apresentadora.

TROFÉU

Raça Negra



José Gregori

“ É um momento de muita alegria ter sido lembrado por um dos setores da sociedade brasileira que eu tenho o maior respeito. Que conheço o despojamento em lutar pelos direitos e por uma igualdade que deveria já ter acontecido há muito tempo. Uma igualdade que ainda não aconteceu na medida em que deve ser. Tenho um pouco de vaidade, que na minha idade já é permitido, por ter contribuído com essa luta, mas sei que muitos ajudaram e reconheço que em certos momentos a sociedade brasileira se fechou e por vezes apenas se entreabriu. Porém os militantes nunca desistiram. ”

Ex-ministro da Justiça, atual Presidente da Comissão de Direitos Humanos da USP.

TROFÉU

Raça Negra

20



Júlio Cesar M. de Freitas

“Agradeço essa premiação em nome do Ministério da Educação, muito obrigado!”

Secretário de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), do Ministério da Educação.

TROFÉU

Raça Negra

2018



Maria Inês Fini

“ Eu acompanho há anos o trabalho da maravilhosa Faculdade Zumbi dos Palmares. Acompanho essa trajetória com muito orgulho de ser brasileira e ver o que o reitor tem feito por essa grande comunidade. Gostei muito de ser uma das homenageadas. Um momento de muita emoção, nessa hora que a educação brasileira precisa firmar a sua identidade, a sua luta em favor das minorias. ”

Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

TROFÉU

Raça Negra



Marielle Franco "in memoriam"

“ Estar aqui é uma mistura de sentimentos, por vezes caímos nas lágrimas, mas bate um orgulho enorme de ter feito parte da vida dela e de ter visto que agora o trabalho chegou a lugares diferentes. O reconhecimento é mundial, estamos rodando o mundo inteiro recebendo homenagens a ela e essa é uma causa legítima, não tem como pararmos agora. ”

Vereadora (PSOL/RJ), defensora dos direitos humanos, assassinada em março de 2018 - Representada por Antônio Francisco da Silva Neto (Pai), Marinete da Silva (Mãe), Anielle Francisco da Silva (Irmã) e Mariah Silva dos Reis (Sobrinha).

TROFÉU

Raça Negra

2018



Otávio Frias Filho "in memoriam"

“ Me transmitiu uma sensação de humildade, por causa de tudo que eu vi e ouvi essa noite. Eu recebo esse prêmio em nome do Otávio Frias Filho, uma pessoa que lutou a vida inteira pela igualdade, liberdade de expressão e opinião. É muito emocionante receber este prêmio em nome dele. ”

Diretor de redação do jornal Folha de S. Paulo, falecido em agosto de 2018 - Representado por Sergio Dávila, editor-executivo do jornal Folha de S. Paulo.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra

20



Reinaldo Gonçalves

“ Me sinto honrado por estar nessa festa que eu considero muito bacana. Estou muito sensível e toda vez que se lembram de mim fico muito emocionado. ”

Sambista, “O Príncipe do Pagode”.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra

2018



Rilma A. Hemetério

“ É uma grande emoção estar aqui, principalmente porque o homenageado desse ano representa tudo que nós representamos: resistência, trabalho, dignidade e orgulho. Por isso nada mais significativo que estar aqui nesse momento. ”

Desembargadora, Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra

20



Teresa Cárdenas

“ Este é um reconhecimento, não só a mim, mas, sobretudo à mulher negra. A mulher negra que faz poesia, que escreve, que se entrega, que compartilha conhecimentos e saberes. ”

Escritora, roteirista, atriz, bailarina e ativista social cubana.

troféu raça negra

TROFÉU Raça Negra



Valéria Lúcia dos Santos

“ Eu sempre via o Troféu Raça Negra, acompanho esse prêmio há anos e não imaginava que um dia o receberia. Eu me sinto muito honrada por que é uma valorização a todos que lutam contra o racismo. ”

Advogada, que sofreu situação de racismo, em setembro de 2018, durante uma audiência no Rio de Janeiro.

Sucesso
ao seu alcance!



FACULDADE
ZUMBI DOS PALMARES
INSTITUIÇÃO COMUNITÁRIA DE ENSINO SUPERIOR
SÃO PAULO - BRASIL



Processo Seletivo Zumbi

Excelência no ensino.

Curso de Direito com alto índice de aprovação na OAB.
Programa de estágio com as maiores empresas do país.

Intercâmbio com universidades Americanas.

Preço diferenciado.

INSCREVA-SE

**UTILIZE
SUA NOTA DO
ENEM**
E GARANTA JÁ SUA MATRÍCULA.

Venha pra Zumbi.

Aqui, você pode!

zumbidospalmares.edu.br


Mano Brown



“...Eu sô problema
de montão de
carnaval a carnaval
eu vim da selva, sou
leão, sou demais
pro seu quintal...”
(Negro Drama,
2002)

...o homem, a lenda, o mito

**Por Daniela Gomes*



O ano é 1970. Protestos tomam conta dos Estados Unidos, onde vozes se unem clamando “faça amor, não faça guerra” exigindo o fim da guerra do Vietnam. As batalhas terrestres não são as únicas a serem travadas e na Guerra Fria, Estados Unidos e Rússia disputam a corrida espacial e lançam respectivamente a missão americana Apollo 13 e a missão russa Luna 17. Adolescentes ao redor do mundo sofrem e culpam Yoko Ono pela separação dos Beatles, ao mesmo tempo em que muitos jovens choram a morte de Jimi Hendrix e Janis Joplin. Direto dos estúdios da gravadora “Motown”, a “Jacksonmania” invade o mundo que passa a conhecer os Jackson 5 e o garotinho talentoso que futuramente se tornaria o Rei do Pop, Michael Jackson.

Em meio a efervescência mundial, no Brasil, a ditadura militar chega aos anos de chumbo, onde a repressão atinge seu ápice e a resistência se torna cada vez mais necessária, seja pegando em armas, seja criando poesia. Alegria e distração chegam, quando a

seleção traz a taça para casa e o Brasil de Pelé, Rivelino e Jairzinho vira Tri Campeão do Mundo. As famílias correm para a casa do vizinho para ver ‘Irmãos Coragem’ na TV preto e branco e no rádio o rei Roberto Carlos faz o país entoar uma prece com o sucesso ‘Jesus Cristo’. Tony Tornado leva ao Festival Internacional da Canção a poética ‘BR3’, ao mesmo tempo que nos quintais das famílias negras paulistanas, as festas de samba-rock são embaladas pelos novos sucessos de Jorge Ben Jor e Tim Maia.

Enquanto isso, em uma casa na periferia de São Paulo, nasce em 22 de abril o menino Pedro Paulo Soares Pereira, que anos depois ajudaria a mudar completamente a história da música, da cultura e da população negra e periférica brasileira. Mais conhecido pelo codinome Mano Brown, o rapper ainda não teve sua biografia escrita, mas para aqueles que acompanham sua carreira, as letras de suas músicas e os discursos que realiza contam exatamente quem ele é e como se tornou um mito. Em suas rimas, Brown se descreve como “malicioso e realista”, “guerreiro do rap”, “aquele louco que não pode er-

rar”, “aquele que você odeia amar”, “um bastardo, mais um filho pardo, sem pai”, “um leão”, demais pro seu quintal” e um “maldito, vagabundo, mente criminal” entre outras coisas que ajudam a elucidar quem é essa figura mítica e como se tornou uma das maiores vozes da resistência negra brasileira.

São as ruas do Capão Redondo que veem o menino Pedro Paulo crescer. Vivendo com a mãe, Dona Ana, eternizada em suas rimas como rainha, que luta para criá-lo sem a ajuda do pai ausente, Paulinho como era chamado pela turma, mora na região da Cohab Adventista, cresce pedindo a benção no terreiro de Candomblé e brinca nas ruas, becos e vielas do Capão. Como muitos outros meninos negros de sua geração, Paulinho, sonha com outra vida e se sente aprisionado pelos bancos da escola, enquanto a necessidade faz com que pequenos furtos ajudem a barriga a parar de roncar. Ainda no ensino fundamental, decide deixar a escola e começa a trabalhar como office boy.

O adolescente magro, acha nos “Bailes Blacks” um lugar de diversão e identificação, afinal ali pode

dançar ao som de seus ídolos Jorge Ben Jor, Tim Maia, Cassiano e James Brown. Frequentador de rodas de samba, Paulinho vai no fundo do ônibus, misturando as batidas do repique com o swing da “black music” americana, vira então Paulinho Brown, apelido que corre com ele pelas festas na periferia de São Paulo e que ele deixou marcado nas pichações nos bancos de trás dos ônibus. Em pouco tempo, Paulinho Brown, começa a sair do trabalho e “colar” nas rodas de break do metro São Bento, berço do hip-hop em São Paulo. Questionador, passa a escrever umas rimas e começa a mostrar suas ideias, acompanhado da batida do partido-alto do som que tirava dos latões de lixo que ficavam ao redor. Assim, ele e tantos outros

ficaram conhecidos na roda como os caras que batiam latinha.

Dentre os parceiros que colavam com Paulinho nas festas e nas rodas da São Bento, está outro Paulo, o Paulo Eduardo Salvador, vizinho e amigo do bairro. Através da amizade com Paulo, Paulinho conhece a prima do amigo, Eliane. Ainda aos 18 anos, Paulinho e Eliane decidem iniciar sua vida juntos, se casam e lutam para criar seus dois filhos Jorge e Domenica, ambos nomes oriundos de sua admiração pela obra de Jorge Ben Jor. A chegada dos filhos e das responsabilidades leva Paulinho a fazer novas escolhas, que foram determinantes para mudar sua vida e até mesmo para ajudá-lo a fugir das estatísticas que diziam que ele não chegaria aos 30 anos e que como muitos jovens do

bairro morreria pelas mãos da polícia militar e seus grupos de extermínio autorizados pela ditadura a matar, os pés de patos – matadores de bandidos – como eram conhecidos os policiais que atuavam no bairro.

No final da década de 1980, o futuro de Paulinho toma rumos inesperados. Em uma época na qual o cenário do rap nacional começa a ganhar forma, os dois Paulos da zona sul começam a se destacar e em pouco tempo conhecem mais dois jovens que vinham do extremo oposto da cidade, na zona norte. Edivaldo Pereira Alves e Kleber Geraldo Lelis Simões, que já eram conhecidos no centro por suas rimas pesadas e por ousarem mixar uns vinis e rimar em cima das batidas. Em busca de novos talentos para gravar uma coletânea



Filha Domenica, Mano Brown, esposa Eliane e filho Jorge.



Ice Blue, Mano Brown, KL Jay e Edi Rock.

Foto: reprodução Facebook Oficial Racionais.

de rap, a gravadora Zimbabwe procura entre os jovens da São Bento, aqueles com talento para iniciar um projeto de hip-hop, junto com outros artistas entre eles, os rapazes da zona norte. Os frequentadores indicam sem hesitar a dupla de Paulos, com suas rimas afiadas e os beats tirados na lata de lixo. Assim, na coletânea ‘Consciência Black volume 1’, Paulo Eduardo, Edivaldo, Kleber e Paulinho Brown, se tornam conhecidos como Ice Blue, Edi Rock, KL Jay e Brown, ou coletivamente o grupo de rap Racionais MC’s.

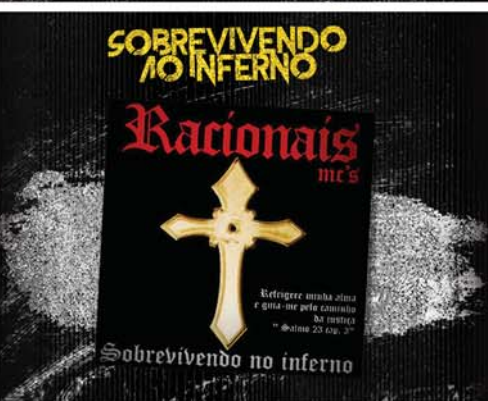
Ao iniciar sua carreira no rap, Paulinho, recebe de quem o ouve rimar o codinome Mano Brown, um símbolo da transição do jovem das ruas do Capão para o artista que marcou e tem marcado uma geração. Na Coletânea, a voz de Mano Brown se faz ouvir pela primeira vez na letra de ‘Pânico na

Zona Sul’, canção onde o Racionais passa a apresentar a característica que o consagraria como um dos maiores grupos de rap do Brasil, letras comprometidas repletas de denúncias. A letra narra o constante medo dos jovens do extremo da Zona Sul de São Paulo, que viviam ameaçados pela violência, daqueles que viam (e ainda veem) corpos negros como inimigos. A canção seria revisitada no primeiro álbum do grupo, o LP ‘Holocausto Urbano’ lançado em 1991. No álbum subsequente, ‘Escolha seu caminho’, letras como ‘Voz Ativa’ e ‘Negro Limitado’ apresentam mais uma vez a narrativa do dia-a-dia da periferia.

No início da década de 1990, o hip-hop se estabelece nas periferias de São Paulo e demais estados brasileiros como um movimento social periférico cujo membros demonstram uma capacidade extrema de se comunicar

com os jovens e adolescentes dessa geração. Enquanto o rap toca nas rádios comunitárias e em cada casa e carro da periferia de São Paulo, nas escolas, onde alunos usam lápis e cadernos para escrever as próprias rimas e cantam letras de rap na hora do recreio, os profissionais da educação, entre eles professores, diretores, acadêmicos e secretários de ensino se preocupam em entender um movimento que tem uma habilidade muito maior para atingir seus alunos, do que qualquer aula tradicional preparada por eles. Nasce assim projetos educacionais, como ‘Rap...ensando a Educação’, parceria com a prefeitura de São Paulo, do qual o Racionais MC’s fez parte, levando palestras e bate papos para as escolas públicas da cidade.

Mas é em 1993, com o lançamento de ‘Raio X do Brasil’, que o Racionais



MC's passa a ser uma referência nacional. Letras como 'Fim de Semana no Parque', 'Homem na Estrada' e 'Mano na porta do bar', levam o cotidiano das periferias de São Paulo para o Brasil e colocam o Capão Redondo e a zona sul da cidade no imaginário brasileiro. O lançamento da obra, faz com que o Racionais se torne uma unanimidade no cenário do rap nacional. Seu posicionamento ao denunciar o abismo social brasileiro e o racismo e sua oposição a mídia, em especial a Rede Globo, se tornam sua marca registrada fazendo com que o grupo se torne, na mesma proporção, amado e odiado por muitos. Entre seus principais opositores está a própria polícia, que vê na postura do grupo uma ameaça e um símbolo de seu suposto envolvimento com a criminalidade. Para a mídia, a polícia e a elite brasileira, o rap se torna a trilha sonora do crime, os membros do Racionais se tornam conhecidos como os quatro pretos mais perigosos do Brasil, perseguidos por suas ideias e pela postura que foge a subserviência que era esperada dos jovens negros.

Em 1994, o grupo ocupou as manchetes policiais, quando sua participação nas comemorações dos 300 anos do líder Zumbi dos Palmares foi interrompida pela polícia, que subiu ao palco para prendê-los por fazer apologia a violência e oposição a polícia, essa foi a primeira, mas não

a última vez que o grupo sofreria perseguição por sua postura. Mas, se na mídia Mano Brown é pintado como vilão, para os jovens da periferia ele se torna uma referência, uma espécie de irmão mais velho que aconselha e alerta para a realidade da vida, um símbolo de resistência. Sua postura como um jovem que não apenas denuncia as agruras do racismo, mas principalmente ensina os jovens negros a levantar a cabeça e se orgulhar de suas origens, arrebatada como uma onda, jovens negros e periféricos do Brasil inteiro.

Chama também a atenção de uma elite criticada em seus versos. Se o sucesso de 'Raio X do Brasil' se deu principalmente através das rádios comunitárias e de estações como a 105 FM que passaram a dedicar horários de sua programação ao rap, cinco anos depois o cenário mudaria e em 1997 o lançamento de 'Sobrevivendo no Inferno' "entraria pelo rádio" e tomaria os filhos da elite sem ser percebido, atingindo camadas da sociedade que estavam mais próximas das baladas dos Jardins e das vitrines da Oscar Freire, do que das ruas do Capão Redondo. O CD que traz na capa uma cruz, um salmo e saúda Ogum nas letras de 'Jorge da Capadócia' apresenta a narrativa de um Brasil de complexidades. Com letras marcantes e pioneirismo, o álbum consagra o rap e o Racionais



como a principal fonte de notícias das periferias brasileiras e Mano Brown como seu porta voz.

Ali, foram narrados fenômenos sociais como a epidemia do uso de crack que em poucos anos tomaria conta das cidades brasileiras, marcada na voz de Edi Rock, na letra de ‘Mágico de Oz’. Na letra de ‘Diário de um Detento’, Mano Brown dá vida a um personagem, sobrevivente do Massacre do Carandiru e narra os fatos que antecedem a chacina onde 102 pessoas foram assassinadas pela Polícia Militar do Estado de São Paulo, a partir de ordens do Governo. ‘Sobrevivendo no Inferno’ vendeu mais de um milhão de cópias, um fenômeno para um disco de rap, ainda mais por ser lançado de forma independente pela gravadora Cosa Nostra, do próprio Racionais. O trabalho renderia ao grupo ainda o prêmio Escolha da Audiência no Vídeo Music Brasil, premiação organizada pela MTV, em 1998.

O sucesso do álbum se estenderia pelos próximos cinco anos. Sustentando os fãs ansiosos durante o hiato no qual o grupo ficou sem lançar um novo álbum, tempo que Mano Brown tirou para investir na família e na profissionalização do grupo. O grupo voltaria a cena em 2002, com o lançamento do disco ‘Nada como um Dia após o Outro Dia’, um álbum duplo que traz entre outras músicas, os sucessos ‘Vida Loka parte 1 e 2’ e aquela que se tornaria o hino de uma geração, ‘Negro Drama’. Na letra, enquanto Edi Rock fala do cotidiano do jovem negro no Brasil, Mano Brown narra sua história de vida, aproveitando entre outras coisas para homenagear a mãe, Dona Ana.

A eleição de Luiz Inácio Lula da

Silva a presidência da República em 2002, marca o início de uma nova realidade na política brasileira. Pela primeira vez, um governo de esquerda assume a presidência do Brasil e foca parte de sua agenda em programas que favorecem as parcelas mais carentes da população que até então haviam sido esquecidas pelos governos anteriores. Nesse novo contexto, algumas entidades do movimento negro passam a fazer parte da aparelhagem do Estado, transmitindo uma sensação de segurança e confiança em novos tempos de igualdade e prosperidade. Contudo, em poucos anos o que se observaria era uma paralisação na articulação dos movimentos sociais, entre eles o movimento hip-hop, diminuindo significativamente a ação do mesmo nas comunidades periféricas e o alcance do rap entre as juventudes.

Na carreira do Racionais o ano de 2007 seria um divisor de águas, ao mesmo tempo que o lançamento do DVD ‘Mil Trutas, Mil Tretas’ acalmava o coração dos fãs ansiosos, por outro lado os membros do grupo enfrentariam nos anos seguintes uma série de dificuldades e perseguições vindas da gestão do então prefeito Gilberto Kassab. O ponto crucial para a mudança foi a participação na Virada Cultural, evento que era aguardado por milhares de fãs e acabou em caos quando a polícia passou a agredir o público, o que resultou em confronto, quebra-quebra e interrupção da apresentação. Ainda que na ocasião, Mano Brown tenha usado o microfone para orientar a população a não revidar a agressão, em poucas horas a mídia brasileira o acusaria de causar a confusão e incitar o público contra a polícia.

Nos anos seguintes, o grupo sofreria censura, quando os integrantes foram proibidos de se apresentarem juntos na cidade de São Paulo, tendo shows cancelados e invadidos. Com poucos shows agendados e os membros do grupo tendo que se apresentar separados, o Racionais se manteve com músicas que eram lançadas individualmente de tempos em tempos. Brown narra os anos seguintes como um tempo de grande escassez, onde eles tiveram que lutar para sustentar suas famílias.

Em 2012, a história do grupo passa a viver uma nova fase, quando a advogada e ativista Eliane Dias, esposa de Mano Brown passa a administrar a carreira do grupo e a produtora Boogie Naípe. Nesse mesmo ano, o grupo sobe aos palcos do **Troféu Raça Negra**, recebendo a premiação pelo Conjunto da Obra.

Em 2013, mais uma vez a Virada Cultural marca a carreira do Racionais, quando a gestão de Fernando Haddad convida o grupo para subir ao palco do evento, atraindo aproximadamente 100 mil pessoas ansiosas pelo retorno. Na ocasião, um Mano Brown mais maduro, chama a atenção da multidão criticando os arrastões e a violência que tomaram conta do evento na noite anterior. A maturidade também atinge a carreira do Racionais e do próprio Mano Brown, que passa a ter uma maior abertura para participações na mídia, aderir a uma nova fase de diálogo com a nova escola do rap e fazer uso da internet e das redes sociais para se aproximar do público. Ao ser questionado, Brown atribui a mudança a fatores como a própria idade e afirma que se na juventude ele estava disposto a provocar incêndios, hoje



Premiação no Troféu Raça Negra 2012.

em dia, depois dos quarenta, a tendência e que ele queira apagar o fogo. A mudança, tem influência também da participação dos filhos de Brown, hoje jovens universitários, que já trabalham com ele na produtora.

O ano de 2014 marca o aniversário de 25 anos do grupo, com uma turnê de shows em todo o Brasil, que relembra a carreira do grupo o lançamento do CD 'Cores e Valores', que traz uma nova roupagem com letras que ainda que sejam assertivas, são mais curtas do que as anteriores que chegavam a ter quase dez minutos.

Em 2017, o trabalho do Racionais se torna parte do ENEM e a letra de Fim de Semana no Parque é escolhida para ilustrar as disparidades sociais e sua relação com o acesso a espaços de lazer. Além disso, o ano marca também os 20 anos do álbum 'Sobrevivendo no Inferno', que foi escolhido como leitura obrigatória

para o vestibular da Unicamp de 2020 e terá uma versão lançada como livro ainda em 2018. A inclusão do álbum no vestibular de uma das maiores universidades do país, se mostra como algo extremamente significativo, considerando-se o momento político vivido no Brasil.

Ao mesmo tempo que seu trabalho com o Racionais tem alcançado novas esferas, Mano Brown passou a investir em sua carreira solo. Em 2016, o cantor lançou seu primeiro álbum solo, 'Boogie Naípe', que se tornou a menina dos olhos do artista. No álbum, que demorou cinco anos para ser produzido, Brown apresenta um lado mais romântico, melódico e dançante e leva aos fãs parte dos ritmos que ele mesmo cresceu ouvindo. Mixado em Nova York, o álbum traz participações de grandes nomes da música nacional e internacional, incluindo a parceria

com Leon Harper, músico que trabalhou com o ícone Marvin Gaye, um dos ídolos e fontes de inspiração de Brown. Criticado por muitos, por supostamente ter perdido a essência e a resistência ao longo da carreira, Mano Brown responde que ninguém vai aprisioná-lo em uma caixa e restringir sua liberdade.

Não há como negar que a autenticidade que fez de Mano Brown uma lenda, fez do artista alguém grande demais para ficar confinado. ■

**Daniela Gomes é jornalista e para elaboração do texto utilizou como referência o site: www.racionaisoficial.com.br, entrevistas publicadas em diferentes veículos ao longo dos anos e trechos de entrevistas concedidas para a pesquisa em andamento "Hip-hop Salvation", conduzida pela própria Daniela Gomes durante o doutorado em African and African Diaspora Studies, pela University of Texas.*

NÚCLEO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Se você foi ou conhece
alguém que tenha
sido vítima de
discriminação racial
procure o Curso de Direito da
Universidade Comunitária
Zumbi dos Palmares.

ORIENTAÇÃO - INFORMAÇÃO - PALESTRAS - CONSULTORIAS
PROCESSOS ADMINISTRATIVOS E CRIMINAIS
TODA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇO É GRATUITA

Atendimento: Segunda à Sexta das 16:00 ÀS 19:00
Av. Santos Dumont, 843 (antigo Clube de Regatas Tietê) - SP
Tel.: 3325-1000 www.zumbidospalmares.edu.br
nucleocontraoracismo@zumbidospalmares.edu.br



TROFÉU

Raça Negra

Homenageia **MANO BROWN** 2018

Agradecemos a todos
que contribuíram para o
sucesso deste evento!



REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



APOIO:

